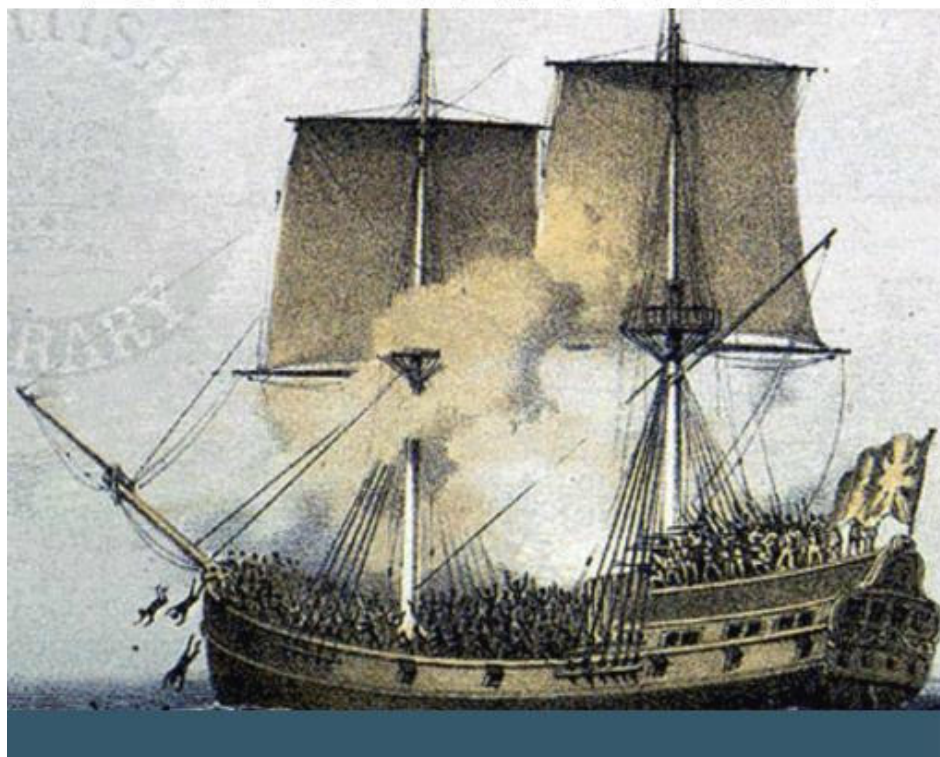


Mayne Reid
**OS NEGREIROS
DA JAMAICA**



www.ebooksbrasil.org

Os Negreiros da Jamaica
Mayne Reid (1818-1883)
Tradução revista por Monteiro Lobato

Edição
supervirtual
www.supervirtual.com.br
Digitalização: Carlos

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.supervirtual.com.br

© 2003 — Mayne Reid

Índice

O Autor

Os Negreiros da Jamaica

Índice do Livro

Nota de Copyright

O Autor



Mayne Reid nasceu em Abril de 1818, em Ballyroney, Irlanda, filho do ministro presbiteriano Reverendo Thomas Mayne Reid, que o educou para seguir seus passos. Mas Mayne se distingüia em matemática e atletismo... não em teologia, que simplesmente detestava.

Aos vinte anos, preferiu a liberdade. Em 1838, vamos encontrá-lo no México, de onde foi para New Orleans, embrenhando-se nas matas por alguns anos, vivendo com os índios. Excursionou pelo Red River, explorou o Missouri e as pradarias. Visitou todos os estados americanos. Ganhou seu pão como balconista, condutor de escravos, tutor escolar, até como artista mambembe. Em 1843, escreveu poesias para o Pittsburgh Chronicle, sob o pseudônimo de “The Poor Scholar”. Por uns tempos, estabeleceu-se na Filadélfia escrevendo para o

“Godey’s Magazine” e escreveu uma tragédia intitulada “Loves Martyr”

Ficou amigo de Edgar A. Pöe, com quem freqüentemente jantava.

Em 1846, tornou-se correspondente do “The New York Herald”. Quando iniciou-se a guerra contra o México, Mayne Reid uniu-se ao exército americano, tendo participado da captura de Vera Cruz.

Quando a guerra terminou, em 1849, voltou à Inglaterra e à literatura, escrevendo “The Rifle Ranger” e “The Scalp Hunters”, provavelmente seu livro mais popular, traduzido em muitos idiomas, com milhões de cópias vendidas. Escreveu também para jornais dirigidos a jovens.

Em 1853, o Capitão Mayne Reid casou-se com Miss Elizabeth Hye “Zoe”, filha única de George William Hyde. Elizabeth, muito jovem, muito bela, freqüentemente era tida por sua filha. Ele mesmo a chamava de “Child Bride”. Mayne conheceu-a com 13 anos e desposou-a dois anos depois. Era vinte anos mais velho que ela.

Em 1867, Mayne voltou aos Estados Unidos e em Nova York escreveu “Child Wife”, dedicado a Elizabeth.

Em 1870 foi internado no St. Luke’s Hospital com infecção em uma perna em que fora ferido durante a guerra. Os médicos temeram por sua vida.

Voltou à Inglaterra em 1880, onde viveu os dois anos finais de sua vida em Ross, Hertfordshire.

O governo norte-americano concedeu-lhe uma pequena pensão em 1882 pelos seus serviços na Guerra Contra o México, aumentando-a um pouco antes de sua morte em 1883, aos 65 anos.

Sua viúva, Elizabeth Mayne Reid, dedicou-lhe um livro (“Memoir” — London, Ward & Downey, 1890;

revisado e republicado em 1900 sob o título de “Captain Mayne Reid: His Life and Adventures” — London: Greening & Co., Ltd., 1900)

Nos Estados Unidos, influenciou as jovens mentes de Theodore Roosevelt, como este revela em sua Autobiografia. Arthur Conan Doyle leu-o quando jovem. Robert Louis Stevenson também reconheceu seu valor.

No Brasil, foi lido, entre outros, por Monteiro Lobato, que o editou pela Cia. Editora Nacional, por ele fundada.

Os Negreiros da Jamaica

A handwritten signature in black ink on a light beige background. The signature reads "Mayne Reid" in a cursive script. The "M" is large and loops under the rest of the name. The "R" is also large and loops under the "e" in "Reid".

Mayne Reid (1818-1883)

“The Jamaica Planters”
Tradução Revista por Monteiro Lobato

CAPÍTULO 1

O ALMOÇO DO FAZENDEIRO

Numa formosíssima manhã de maio, o toque duma sineta anunciou o almoço aos proprietários da fazenda de açúcar de Mount-Welcome, uma das mais belas lavouras da Jamaica.

Situada a duas milhas de Mantego-Bay, a mais importante cidade e o mais freqüentado porto da parte ocidental da ilha, no meio dum vale espaçoso, ladeado de duas montanhas cobertas de vegetação, a residência dos donos de Mount-Welcome tinha um alegre aspecto, com os seus dois andares guarnecidos de venezianas verdes, que amorteciam o brilho da luz exterior.

Eram quase nove horas.

Cerca de meia dúzia de escravos serviam em bandejas a refeição matutina no aposento principal da casa, o qual, segundo o costume da ilha, era ao mesmo tempo sala de visitas e sala de jantar.

Os candelabros, os sofás, os pesados móveis de jacarandá ostentavam-se conjuntamente com os *étagères* guarnecidos de baixela de prata e cristais.

Assim que as últimas vibrações da sineta se extinguiram, uma das pessoas para quem aquilo significava sinal de chamada entrou na sala. Era um homem de cinqüenta anos, de rosto queimado, ombros largos e fisionomia imperiosa. Vestia um traje folgado de

nanquim, e pendia-lhe do bolso uma pesada corrente de ouro, da qual estavam suspensos muitos berloques, sinetes e um molho de chaves.

Adiantou-se, deitando em roda um olhar indagador, esse olhar que procura os defeitos do serviço e a que La Fontaine chamou tão acertadamente “olhar do dono”.

Este indivíduo chamava-se Loftus Vaughan, proprietário de Mount-Welcome e *custos rotulorum* [1] do distrito.

Depois de se dirigir a uma das janelas e relancear um olhar pela plantação, foi sentar-se à mesa.

CAPÍTULO 2 AMA E ESCRAVA

No momento em que se sentava à mesa, uma menina, fresca como rosa de maio, apareceu na extremidade da sala. Os seus sapatinhos de cetim, que a orla da saia de casimira branca deixava entrever, apareciam alternadamente, lembrando dois ratinhos, quando ela caminhava ou antes deslizava sobre o brilhante assoalho da casa.

Rodeava o pescoço da formosa e delicada criatura um colar de âmbar. O cálice magnífico duma flor vermelha dos trópicos expandia-se nas tranças dos seus formosos cabelos castanhos.

Só olhos experientes, familiarizados com os caracteres físicos das diversas raças humanas, poderiam perceber que aquela formosa moça não era do mais puro sangue caucásico. A ligeira ondulação dos cabelos, o oval do rosto, o estranho colorido das faces denunciavam nela o cruzamento de duas raças.

Era a filha única de Loftus Vaughan e compunha toda a sua família, porque o *custos* era viúvo.

A jovem parou diante do pai, que se sentara, e dirigiu-lhe, acompanhado dum abraço, o cumprimento matutino.

Após esta carícia, sentou-se e fez as honras da mesa, ao mesmo tempo que uma escrava, destinada

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

